



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

ANAIS ELETRÔNICOS

25 a 27 de abril
UEMG/CEFET-MG
Belo Horizonte (MG)

20
17

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELA COMUNIDADE ESCOLAR AO LIDAR COM ALUNOS COM TDAH EM PEDRO LEOPOLDO/MG¹

Aurea Costa Melo²
Lília Soares Miranda³

- Resumo

O presente artigo tem como objetivo, a partir de observações das rotinas escolares, diálogos com gestores, profissionais de apoio, professores de recursos e etc., explicitar os desafios, as contradições e tensões ao lidar com crianças portadoras do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Apresenta-se este artigo na tentativa de trazer informações socialmente referenciadas que possam servir de suporte para o trabalho educativo nas escolas com alunos portadores desse transtorno, e assim, evidenciar os sintomas, comorbidades, diagnóstico, tratamento e dificuldades de aprendizagem promovidas pela doença. Serão abordadas as temáticas escolares que envolvem os professores ao trabalhar educacionalmente com crianças que apresentam esse perfil cognitivo. São abordados portanto, alguns dos problemas, como: a falta de informação de professores a respeito do TDAH, leis de inclusão que muitas vezes não são condizentes com a realidade nas escolas, os inconvenientes na utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como metodologia potencializadora para atender o estudante, o reconhecimento da diversidade e da flexibilização dos conteúdos curriculares, recursos didáticos e da temporalidade, entre outras situações nomeadas como desafiadoras para a construção de uma sociedade inclusiva.

Palavras-chave: Dificuldades; Professor; Alunos com TDAH.

1. Introdução

A escola é o lugar no qual as pessoas passam a maior parte da vida. Nesse contexto, iniciam sua trajetória na primeira infância e vão até o final da adolescência, convivendo quatro horas por dia, ou mais, nesse espaço. Sendo assim, a escola é a maior formadora de construção simbólica na vida dos sujeitos. É nesse ambiente que eles aprendem a conviver com a maior variedade de opiniões, gostos, formas e conceitos. O indivíduo amplia seus vínculos afetivos fazendo novas amizades, selecionando por afinidades e interesses seus pares de convivência pessoal.

Entretanto, é também no meio escolar que o estudante é obrigado a conviver com tudo o que lhe é divergente, como: opiniões, conceitos contrários aos seus e pessoas com diferentes

1 O artigo resulta de pesquisa em andamento vinculada à Universidad de la Empresa – Montevideu – Uruguai.

2 Mestranda em educação pela Universidad de la Empresa – UDE – Montevideu – Uruguai, e-mail: aureacostam@hotmail.com.

3 Prof.^a Dr.^a Lília Soares Miranda – Doutora em Estudos Linguísticos e pesquisadora pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e-mail: liliasoaresmi@gmail.com.

personalidades, comportamentos, atitudes, crenças, entre outros. Independente das afinidades, o estudante deveria desenvolver seu potencial de viver de maneira harmônica socialmente. Portanto, a escola é uma das maiores construtoras de ensinamentos de uma sociedade.

Com tanta responsabilidade, surgem também grandes desafios. É notório o processo de inclusão e exclusão no que se refere às diversidades. Qual é a melhor maneira de abordar indivíduos que possuem construções diferentes? O que fazer para otimizar o processo de construção do conhecimento em relação aos indivíduos que são divergentes aos outros? Isso é possível? E quando esse diferente precisa ser incluído no meio dos demais? Quais são os desafios que isso implica à escola?

Esse estudo trata das dificuldades e desafios enfrentados pela comunidade escolar (diretores, acompanhamento pedagógico e professores) das escolas públicas em Pedro Leopoldo/MG ao lidar com a criança que apresenta o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Vários professores que atuam em turmas regulares não possuem formação para trabalhar com alunos com TDAH, mesmo assim, continuam recebendo alunos com esse transtorno. Esse aluno tem postura diferente dos demais, pois tem grande dificuldade em prestar atenção à aula e ficar quieto. Além disso, esse transtorno se associa à dificuldades de aprendizagem e à outros transtornos, o que dificulta o relacionamento com demais crianças, pais e professores. Barkley (1998), ao tratar do manejo de problemas de comportamento em sala de aula com alunos com TDAH, propõe técnicas comportamentais eficientes sobre o desempenho acadêmico de crianças com esse tipo de transtorno. As estratégias que apresentam melhores resultados incluem controle de estímulo, quebras das tarefas em pequenas partes a fim de torná-las compatíveis com os períodos que a criança consegue manter a concentração, além do estabelecimento de tarefas a serem realizadas em intervalos curtos de tempo. Segundo ele, o manejo de uma criança com esse transtorno não é uma tarefa fácil. O entusiasmo, a criatividade e dinamismo dos professores seriam fatores de grande impacto sobre a criança com TDAH, para que este venha a obter um bom desempenho acadêmico. Evidencia-se a coexistência de um processo educativo de inclusão/exclusão.

Com base em estudos recentes de Polanczyk; *et. al.* (2012), Pastura, Mattos e Araújo (2007), Rohde; *et. al.* (2000), esse artigo constata que o TDAH vem sendo considerado pela comunidade acadêmica como um fator preocupante, sobretudo na fase escolar. Na etapa quando o discente inicia seu contato com a leitura e escrita, é imprescindível que ele mantenha sua atenção e concentração para alcançar as propostas pedagógicas para aquele período. Devido aos problemas apresentados por um aluno com TDAH, torna-se mais difícil alcançar esses objetivos. Por conseguinte, crianças com esse transtorno apresentam maior probabilidade de repetência, evasão, baixo rendimento acadêmico e problemas de relacionamento social.

Partindo de um levantamento bibliográfico, esse artigo busca tratar das temáticas que permeiam o universo escolar, abarcando os sintomas do TDAH, suas comorbidades, as dificuldades de aprendizagem geradas por ele e o tratamento, além de realizar um breve levantamento relativo aos desafios enfrentados pela comunidade escolar das escolas públicas regulares em Pedro Leopoldo/MG ao lidar com alunos com o transtorno.

Assim sendo, a proposta desse estudo é esclarecer e evidenciar aspectos relativos ao transtorno e suscitar uma reflexão acerca das dificuldades da docência ao trabalhar com crianças que

possuam necessidades especiais nesse processo de inclusão/exclusão.

2. **Inclusão e TDAH: desafios a serem superados**

Vivemos em um mundo globalizado e pós-moderno no qual a sociedade traz um discurso da aceitação das diferenças e da construção de um contexto inclusivo. Muitas são as transformações que vem ocorrendo nos últimos anos para que o portador de necessidades especiais consiga ter a melhor adaptação possível ao meio em que vive. Hoje já se têm aparelhos e programas digitais modernos que trazem facilidades para as pessoas com deficiência, como: a áudio descrição para os cegos, escada que se transforma em rampa nos ônibus para os cadeirantes e pessoas com dificuldades de locomoção, assim como o entretenimento para a comunidade surda por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Nesse sentido, a escola como uma das principais instituições da sociedade, não poderia deixar de assumir seu compromisso com o indivíduo portador de TDAH, recebendo-o e oferecendo-lhe condições de desenvolver-se da mesma maneira que as pessoas com outros transtornos, bem como as consideradas normais.

Com as leis de inclusão, como a Resolução CNE/CEB nº2/2001 das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, determina-se que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo as escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais. As escolas regulares devem aceitar a matrícula de qualquer criança e se adaptar estruturalmente por meio do poder público para receber o estudante, como é imposto pela Lei 13.146 de 06 de Julho de 2015 em seu Art.28º, Inciso XVI que preconiza: “acessibilidade para todos os estudantes, trabalhadores da educação e demais integrantes da comunidade escolar às edificações, aos ambientes e às atividades concernentes a todas as modalidades, etapas e níveis de ensino.”. O TDAH, com prevalência entre 5 a 13%, nas crianças em idade escolar, desperta cada vez mais o interesse dos pesquisadores no que diz respeito à suas peculiaridades, além da investigação de suas bases genéticas e bioquímicas. Centros de pesquisas mundiais conduzem avanços quanto a prevalência do TDAH.

Assim, a escola vem se deparando com inúmeros desafios para cumprir as leis no que concerne ao pedagógico, visto que são diversas as deficiências das crianças e os professores não possuem, na maioria das vezes, preparo específico para trabalhar com esses sujeitos. Mais difícil ainda se torna a tarefa do professor quando ele não consegue perceber que seu aluno necessita de um atendimento diferenciado dos demais. A esse respeito, Rief (2001) ressalta a importância do professor em perceber que a criança com TDAH é um indivíduo que agrega um potencial que poderá ou não se desenvolver. O professor precisa se reconhecer e aceitar suas responsabilidades sobre o resultado final desse processo. Geralmente, ocorre quando a escola recebe crianças extremamente agitadas que não obedecem às regras e que apresentam dificuldades de aprendizagem. Aparentemente, pode ser apenas uma situação cotidiana, no entanto, quando o docente já utilizou de todas as estratégias para fazer com que o estudante mantivesse a atenção plena e não obteve êxito, enfatiza-se a possibilidade do indivíduo possuir algum distúrbio cognitivo e comportamental. O professor recebe o aluno sem a presença de prognóstico ou diagnóstico, o que já é um desafio no que se refere ao discurso “em defesa

das diferenças”. Não podendo relatar o problema por não haver certeza, torna-se mais clara a possibilidade de exclusão e marginalização do mesmo. Provavelmente, essa criança não passou por um processo educacional ruim e possui potencial positivo como as outras, porém, a mesma pode ser portadora do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Essa doença de caráter crônico, sem cura efetiva, afeta principalmente indivíduos em período escolar, impedindo que consigam se concentrar em tarefas de exigência acadêmica. Barkley (2002) define que o TDAH como um transtorno de desenvolvimento com sintomas que surgem na infância, na adolescência e na maioria dos casos, persistem na vida adulta trazendo dificuldades na vida familiar, social, escolar e profissional do indivíduo é de origem biológica marcada pela hereditariedade.

Conforme estudos recentes, um indivíduo com TDAH apresenta características diferenciadas nos fatores biológicos envolvendo o Sistema Nervoso:

Estudos neuropsicológicos e de neuroimagem demonstraram um claro substrato biológico para o TDAH, envolvendo os sistemas neurais e áreas envolvidas na atenção. Muitos estudos diferentes demonstraram que as redes neurais do córtex dorsolateral pré-frontal, cíngulo dorsal anterior, o parietal, o corpo estriado e o cerebelo estão principalmente envolvidos no TDAH. Além disso, um estudo marco conduzido pelo Instituto de Saúde Mental dos Estados Unidos demonstrou um atraso acentuado na maturação cerebral de crianças com TDAH, com o pico de espessura cortical ocorrendo aproximadamente três anos depois em crianças com TDAH, em comparação às crianças controle sadias. O atraso foi mais proeminente nas regiões pré-frontal, relacionada aos mecanismos de controle da atenção e funções executivas (POLANCZYK, *et. al.*, 2012, p. 1125).

Assim, regiões do lado direito do cerebelo de crianças com TDAH se apresentam menores, afetando as tarefas que exigem inibição, dificultando o cumprimento de regras. A criança com TDAH independe de sua vontade nas atividades pois não consegue se controlar e se comportar de modo indiscriminado à ética e moral, não por ausência desses valores em sua formação, mas por uma alteração biológica que provém de fatores genéticos (taxa de hereditariedade de 76%) e externos (exposição intrauterina ao tabaco, prematuridade e baixo peso ao nascer).

Contudo, o aluno com TDAH é um indivíduo que possui deficiência psíquica e necessita do recebimento do mesmo amparo legal que as crianças com deficiência, tendo direito a uma educação voltada para o atendimento de suas necessidades. Como a escola irá se adaptar para oferecer as melhores condições de ensino e aprendizagem, desconhecendo a existência da deficiência cognitiva do aluno? Esse é apenas mais um dos desafios enfrentados quando o assunto é TDAH.

3. Sintomas, comorbidades e dificuldades de aprendizagem

O TDAH é uma doença que não afeta a criança somente no tocante a um comportamento agitado

na escola, é um problema de saúde pública visto que seus sintomas causam muitos prejuízos aos indivíduos que a possuem e às pessoas que se relacionam com eles. Conforme Rohde, *et. al.* (2000), citando o American Psychiatric Association Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, os sintomas presentes em uma pessoa com TDAH estão intimamente relacionados a tríade desatenção, hiperatividade e impulsividade. São identificados nesses sintomas as seguintes características:

A desatenção pode ser identificada pelos seguintes sintomas: dificuldade de prestar atenção a detalhes ou errar por descuido em atividades escolares e de trabalho; dificuldade para manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas; parecer não escutar quando lhe dirigem a palavra; não seguir instruções e não terminar tarefas escolares, domésticas ou deveres profissionais; dificuldade em organizar tarefas e atividades; evitar, ou relutar, em envolver-se em tarefas que exijam esforço mental constante; perder coisas necessárias para tarefas ou atividades; e ser facilmente distraído por estímulos alheios à tarefa e apresentar esquecimentos em atividades diárias. A hiperatividade se caracteriza pela presença freqüente das seguintes características: agitar as mãos ou os pés ou se remexer na cadeira; abandonar sua cadeira em sala de aula ou outras situações nas quais se espera que permaneça sentado; correr ou escalar em demasia, em situações nas quais isto é inapropriado; pela dificuldade em brincar ou envolver-se silenciosamente em atividades de lazer; estar freqüentemente “a mil” ou muitas vezes agir como se estivesse “a todo o vapor”; e falar em demasia. Os sintomas de impulsividade são: freqüentemente dar respostas precipitadas antes das perguntas terem sido concluídas; com freqüência ter dificuldade em esperar a sua vez; e freqüentemente interromper ou se meter em assuntos de outros (ROHDE, *et al.*, 2000, p. SII 7).

Essas características sintomáticas atingem o indivíduo com TDAH levando-o a exclusão social e uma tendência ao “uso abusivo de internet e jogos eletrônicos”, por exemplo, como afirmam os autores Reinhardt e Reinhardt (2013, p.125). Na pessoa com TDAH há também uma propensão em sofrer acidentes de trânsito, o que acaba por envolver demais pessoas a uma situação em que a vida é colocada em risco. Sendo assim, essa é uma patologia que deve receber uma atenção especial, principalmente por parte da escola e da família.

Atreladas ao TDAH surgem também as comorbidades, designação de duplo diagnóstico, correspondente a associação de pelo menos duas patologias no mesmo paciente. Conforme as pesquisas realizadas por Pastura, Mattos e Araújo (2007), existe um grande número de crianças que apresentam comorbidades: “A literatura mostra que cerca de 60% das crianças em idade escolar encaminhadas para tratamento apresentam distúrbios psiquiátricos comórbidos” (PASTURA; MATTOS; ARAÚJO 2007, p.1078). Entre esses distúrbios estão: “transtorno bipolar do humor, transtorno depressivo maior, transtorno de oposição e desafio, transtorno de conduta e transtorno de uso de substâncias” (REINHARDT, 2013, p.126) e a “prevalência de depressão em crianças com TDAH varia entre 15% e 75% na literatura internacional” (PASTURA; MATTOS; ARAÚJO, 2007, p.1082). Em pesquisa realizada pelo Colégio de

Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi apresentado um índice de 11,5% de depressão em crianças com TDAH, número que conforme Pastura, Mattos e Araújo (2007) se aproxima dos resultados das pesquisas nacionais que constam de um índice entre 13,7% e 14%.

Sendo um número elevado de comorbidades e depressão, em relação à criança com TDAH, um dos desafios da comunidade escolar é o auxílio no desenvolvimento epistemológico do estudante, devido ao comprometimento de seu desenvolvimento acadêmico. O aluno acaba por não apresentar um desempenho esperado para suas habilidades cognitivas, gerando um quadro de “repetência, notas baixas, suspensão, pontuação abaixo do esperado para o coeficiente de inteligência (QI) em testes padronizados e baixo desempenho em termos absolutos (sem comparação com QI) em testes padronizados” (PASTURA; MATTOS; ARAÚJO, 2005, p. 325).

Todo esse contexto gera grande dificuldade no estudante em relação a ter um eficaz estímulo para a conclusão de seus estudos, causando um grande número de evasão escolar na população que apresenta TDAH já confirmada por revisões de literatura:

Em 1985, Weiss *et. al.*, realizaram estudo de seguimento de 61 jovens portadores de TDAH e 41 indivíduos-controle e observaram que, dentre os primeiros, apenas 69% concluíram seus estudos ante a 90% do grupo sem o transtorno (PASTURA; MATTOS; ARAÚJO, 2005, p. 326).

O rótulo de indisciplina, chamadas de atenção, castigos e aulas pouco atrativas levam o aluno a não encontrar familiaridade e gosto pelos estudos, fazendo da escola um espaço muito distante de suas necessidades e por consequência desagradável, o que pode levá-lo a não querer dar continuidade na vida escolar quando em fase adulta.

Dentre os processos de aprendizagem, as crianças com TDAH encontram maior dificuldade em avançar na seriação/ano escolar por demonstrarem déficits na assimilação de conteúdos que exijam leitura, escrita e matemática visto que essas áreas acadêmicas exigem grande concentração do indivíduo:

Analisando o desempenho de 140 crianças com TDAH, Faraone *et. al.* (1993) observaram que mais de 50% necessitou de aulas particulares e cerca de 30% foi alocada em turmas especiais ou foi reprovada. O desempenho dos portadores de TDAH foi significativamente pior em testes de aritmética e leitura, quando comparados ao de não-portadores (PASTURA; MATTOS; ARAÚJO, 2005, p. 326).

Essa dificuldade de aprendizado na criança com TDAH está associada ao comprometimento das funções psíquicas que contribuem para o fracasso escolar. Barkley (2002, p.35) define o TDAH, “como um transtorno de desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas com os períodos de atenção com o controle do impulso e com o nível de atividade”.

Como o funcionamento da região frontal do cérebro é afetado pelo TDAH, as funções executivas, de responsabilidade dessa região cerebral, sofrem alterações. Assim, temos conforme a Associação Brasileira do Déficit de Atenção, na função executiva do controle da atenção: impulsividade, falta de autocontrole, dificuldades para completar tarefas,

cometimento de erros de procedimento que o estudante não consegue corrigir, respondendo inapropriadamente ao ambiente em que se encontra.

Na função executiva, referente ao processamento de informação, a criança com TDAH apresenta respostas lentificadas (leva mais tempo para compreender o que é pedido e para realizar as tarefas), hesitação nas respostas, tempo de reação lento. Já para a função de flexibilidade cognitiva, o estudante costuma fazer sempre as coisas da mesma forma, repetindo erros cometidos anteriormente, demonstrando rigidez no raciocínio e nos procedimentos escolares, também apresenta dificuldades com mudanças de regras, tarefas e de ambientes.

Na função executiva de estabelecer objetivos, o aluno demonstra dificuldades para estabelecer e seguir estratégias eficientes, déficit no raciocínio abstrato, planejamento inadequado, desorganização e poucas habilidades de resolução de problemas.

Para a função executiva do controle inibitório a pessoa com TDAH também tem dificuldade para inibir comportamentos inadequados e que possam interferir na realização das atividades escolares.

As FE (funções executivas) são processos fundamentais na aprendizagem, pois permitem o processamento de informações, a integração das informações selecionadas, os processos endêmicos (estratégias de memorização e evocação da informação armazenada na memória), na programação das respostas motoras e comportamentais (ABDA, sem ano, p. 23, grifos nossos).

Dessa maneira, os professores, muitas vezes por desconhecerem o TDAH, acabam se culpando pelo fracasso escolar do discente ou culpam o mau comportamento do aluno para justificar sua dificuldade de aprendizado e reprovação. Tais fatores geram falhas no sistema de ensino, não permitindo a aquisição do conhecimento do estudante por falta de informação e formação sobre a doença por parte dos profissionais da educação. A dificuldade do estudante não significa incapacidade de aprendizado. Com aulas atrativas e alguns recursos como pedir que o aluno seja o ajudante do dia, para que possa se movimentar mais vezes, há uma grande possibilidade de aprendizado eficaz, embora seu ritmo seja diferenciado. Com o tratamento médico adequado também aumentam as possibilidades de uma efetiva obtenção de conhecimentos escolares, além do aprimoramento da qualidade de vida do portador do TDAH.

4. Como diagnosticar e tratar o TDAH?

Embora já tenham sido mencionados os sintomas do TDAH, o professor não pode realizar o diagnóstico. Ao se apresentar como um processo de diagnóstico multidisciplinar, torna-se necessário um trabalho conjunto entre escola, família e médicos, objetivando uma atuação mais precisa na descoberta da doença e tratamento dos sintomas. Em uma consulta clínica, o médico não avaliará apenas o comportamento imediato do paciente, mas os relatos dos pais e relatórios emitidos pelos professores, combinados aos critérios de diagnóstico oferecidos por manuais de classificação.

Manuais de classificação para o TDAH utilizam duas referências, o Manual de Diagnóstico e

Estatística da Associação Psiquiátrica Americana, que já está na sua quinta versão, o DSM V e o Código Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde, décima versão, o CID-10. Essas classificações identificam a pessoa com TDAH após uma recorrência de fatores presentes no comportamento em até seis meses. Esses fatores estão ligados a desatenção, hiperatividade e impulsividade.

Após o diagnóstico, o tratamento mais comum é a utilização de psicoestimulantes, denominados por metilfenidato. O mais popular utilizado no Brasil e nos Estados Unidos é a Ritalina. Todavia, existe uma latente controvérsia entre a necessidade real da medicação e da não medicação, pois:

Tanto o processo diagnóstico quanto o tratamento do TDAH são complexos, não só pelo caráter dimensional dos sintomas de desatenção e/ou hiperatividade, mas também pela alta frequência de comorbidades psiquiátricas apresentadas pelos pacientes (SOUZA *et. al.*, 2007, p. 15).

Há também a hipótese da não existência da doença, sendo ela apenas um motivo para o crescimento da indústria farmacêutica com a venda de psicoestimulantes e da transposição da responsabilidade familiar de educar para as posturas médicas por meio de tratamentos com eficiência comportamental mais breve.

Nos questionamentos sobre os benefícios de um tratamento, em especial medicamentoso, para um transtorno ainda não comprovado, parecem incoerente, tal postura da sociedade, como se criasse primeiro o remédio para, depois criar a doença, no caso, o TDAH (BONADIO; MORI, 2013, p. 57).

Diante desse quadro, a comunidade escolar fica sem saber qual posicionamento tomar, pois a criança que não é medicada acaba sendo excluída dos processos de aquisição do conhecimento mediante as suas dificuldades de aprendizagem, no entanto, quando medicada, também apresenta um comportamento muitas vezes apático e distante do esperado.

Quando a criança diagnosticada e medicada apresenta comportamentos considerados impróprios e inesperados, é comum questionar os pais sobre o uso do medicamento naquele dia, buscando explicações para as manifestações indesejadas. Essa prática expressa o quanto o remédio, na concepção da escola, altera o comportamento e o estado psíquico da criança, desconsiderando as alterações e as experiências próprias da dinâmica escolar (BONADIO; MORI, 2013, p. 57)

Assim, o tratamento e diagnóstico também se configuram em um dos desafios enfrentados pela comunidade escolar que a impede de realizar um trabalho pedagógico adequado às necessidades das crianças e uma orientação favorável para as famílias.

5. (Mais) Dificuldades enfrentadas pela comunidade escolar

Retomando o que foi dito anteriormente, a criança com TDAH é uma pessoa que entra nos direitos oferecidos pelas leis de inclusão na escola, pois conforme Hakim (2014), quem apresenta essa doença se enquadra no subgrupo Portador de Condutas Típicas, estabelecido

pelo documento Política Nacional de Educação Especial, publicado em 1994 pela Secretaria de Educação Especial – SEESP.

Em Minas Gerais, esse transtorno não é considerado como motivo de inclusão em escolas públicas regulares, portanto, os alunos com características de TDAH não possuem qualquer acompanhamento específico para o seu problema. Desse modo, a comunidade escolar em Pedro Leopoldo que não possui conhecimento específico sobre as características do TDAH e que não têm formação para trabalhar com crianças com esse transtorno, continua recebendo em suas classes alunos com esse perfil cognitivo.

Conforme a Lei 13.146 de 06 de julho de 2015 também é previsto a obrigatoriedade do poder público de ofertar apoio escolar por meio de profissionais e define qual é a sua função na escola em seu Capítulo I, Artigo 3º, Inciso XIII:

[...] profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas (BRASIL, 2015).

Assim, o apoio escolar para auxiliar o estudante no desenvolvimento das atividades pedagógicas se faz necessário, pois o professor não consegue dar uma atenção diferenciada para esse aluno particularmente. A contrariedade entre o que a lei determina e o que o TDAH é considerado pelo poder público se apresenta como mais um fator dificultante para o estabelecimento de um ensino de qualidade, autoestima e permanência do aluno com TDAH no ambiente escolar.

Outro fator que dificulta os procedimentos de ensino é o desconhecimento do professor sobre a doença e das medidas que pode tomar para trabalhar com um estudante portador. Embora esse problema já tenha sido mencionado anteriormente, vale ser ressaltado com maior ênfase, pois não há formação de professores, inicial e/ou continuada, que abarque essa temática.

São os professores que essencialmente carregam a árdua tarefa de conciliar, mesmo com todas as carências existentes no sistema educacional brasileiro, suas atividades, a fim de atingir satisfatoriamente a todos os seus alunos, inclusive, alunos com NEE (necessidades educacionais especiais), visando transpor todas as dificuldades existentes na sua inserção e inclusão à rede regular de ensino.

Para tanto, a inclusão escolar implica o acompanhamento, aprimoramento e formação continuada dos professores para realizar propostas de ensino inclusivo, atendendo as exigências de uma sociedade, que não deve admitir preconceitos, discriminação, barreiras entre seres, povos, culturas (TERRA; GOMES, 2013, p.113, grifos nossos).

Sendo assim, a base primordial para que o aluno consiga ter um melhor aproveitamento acadêmico é oferecida pelo professor. Na ausência de apoio específico, dificilmente o estudante conseguirá obter êxito nas tarefas escolares, levando-o a exclusão e proporcionando-lhe um sentimento de incapacidade que pode estimular a comorbidade depressiva.

Outro problema apresentado nessa má formação dos professores a respeito da temática é que

por desconhecerem a doença, podem estigmatizar e rotular seus alunos por perfis estereotipados totalmente destoantes do TDAH, podendo diagnosticar o estudante por meio de “achismos” já informando à família que a criança deve ir ao médico para receber medicação, sendo que na realidade ela não apresenta a patologia.

Através do despreparo, torna-se mais difícil a identificação dos melhores meios de avaliar a criança com TDAH no seu desempenho, e por consequência, acaba não tentando realizar mudanças na prática pedagógica, o que acarreta em uma problemática advinda da dificuldade enfrentada pela falta de formação: o desconhecimento de metodologias específicas para trabalhar com o aluno de inclusão atrapalha o processo formativo de toda a turma, pois como o professor não consegue trazer uma aula atrativa para essa criança que é agitada, ela acaba por comprometer a concentração dos colegas brincando em momentos inapropriados.

Pode-se considerar que se esse não é o maior desafio enfrentado pela comunidade escolar, é ao menos um dos maiores existentes hoje. O professor não é mais o dono do saber, entretanto, é o condutor do aluno na busca do conhecimento, se ele não consegue atingir esse objetivo, toda sua atividade laboral é prescindível.

Uma possível solução metodológica para crianças com TDAH é a utilização dos recursos tecnológicos na escola, mas isso também se torna um desafio diante das dificuldades enfrentadas no país quando é realizada a aplicação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no ensino.

Entre essas dificuldades estão os poucos recursos tecnológicos disponibilizados pela escola e o distanciamento desses recursos na utilização dos estudantes, quando a escola os possui.

Outro problema é a falta de tempo em que os professores se encontram para se fazer uma pesquisa prévia da melhor ferramenta pedagógica digital a ser utilizada. Diante de uma profusão de softwares, jogos e outros, a livre escolha do usuário, assim, conforme Vilela e Monteiro (2016), muitos jogos educativos podem estar inadequados a utilização da criança por serem desenvolvidos por profissionais que carecem de uma orientação pedagógica ao produzi-los.

[...] na tentativa de usufruir das potencialidades do jogo educacional “na prática” educativa, observamos que muitos são “inadequados” para o público alvo ao qual foram propostos. Dentre vários problemas existentes, podemos citar, por exemplo: linguagem não adaptada para o ano/ciclo do estudante; presença de elementos ofensivos; impróprios, agressivos ou violentos; apologias criminalizadas; projeto não condizente com os conceitos em estudo ou ano/ciclo do estudante; etc. Uma simples pesquisa revela que quase sempre são produções de autoria de microempreendedores, iniciativas independentes, e/ou de entusiastas (VILELA; MONTEIRO, 2016, p. 3).

O conteúdo inapropriado também dificulta o trabalho do professor em sala de aula, pois muitos dos materiais pedagógicos digitais apresentam um layout agradável aos olhos, atrativo e em um primeiro instante, parecem perfeitos para serem utilizados na escola. Entretanto, fogem das expectativas e é necessário um olhar mais cuidadoso para perceber esses detalhes, como por exemplo, jogos com instruções com letra minúscula no lugar da letra maiúscula (caixa-alta) destinados a crianças em período de alfabetização.

Outro desafio da escola ao utilizar-se das TIC's é o de não promover um estímulo exagerado na utilização de videogames e interação eletrônica na criança com TDAH, visto que a mesma possui uma tendência em viciar-se nessas atividades, como já dito anteriormente.

Como desafio para a comunidade escolar, apresenta-se a interação dessa criança com as demais, pois muitas acabam enfrentando problemas nos momentos de socialização tomando uma medida de maior isolamento, visto que não conseguem ter grande participação em brincadeiras que exigem concentração como jogos de tabuleiro (como exemplo o xadrez), de cartas (jogo da memória), entre outras brincadeiras como passa-anel, por exemplo.

A socialização desse aluno com os outros também é de grande importância para seu desempenho escolar, pois a afetividade faz-se primordial na construção do aprendizado, como já foi confirmado por estudos tais como os de Saltini (2002). Um ambiente de carinho e acolhimento trazem impactos positivos para o sucesso escolar em todas as áreas disciplinares e para a prática cidadã, afinal, a criança aprende a trabalhar em grupo e a conviver com diferentes opiniões e pontos de vista.

Muitos são os desafios enfrentados pela comunidade escolar quando a questão é a companhia de um aluno com TDAH. Têm-se a urgência da intervenção das políticas públicas de maneira mais contundente em relação às questões dessa necessidade especial, pois, embora existam propostas de lei que possibilitem um maior conforto ao estudante no processo de escolarização, reconhecendo a real existência da doença na comunidade escolar, como é o caso do projeto de Lei 7.081, de 2010, o dia a dia prático da escola se mostra muito distante do que vem sendo esperado e as consequências dessas dificuldades, que raramente são superadas, a criança leva para a vida adulta. Conforme a Associação Brasileira do Déficit de Atenção é uma doença que não acaba na adolescência como se pensava no passado.

Se a escola tem por obrigação formar seres autônomos, participativos e críticos socialmente, ela deve antes formar a criança para ser aceita socialmente e se aceitar como é. A aceitação torna-se possível quando o TDAH não é um tabu e as possibilidades de sucesso escolar são maiores que os desafios.

6. Considerações finais

Esse artigo parte de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento. Pretendeu apontar alguns desafios enfrentados pela comunidade escolar. Entre esses desafios, foram elencados alguns para a reflexão e entre eles, encontra-se o reconhecimento de um aluno com TDAH na sala de aula. Embora o mesmo seja uma criança passível de inclusão, torna-se difícil identificar a doença por falta de formação inicial e/ou continuada dos professores.

Há também os desafios para permitir a continuidade e permanência do aluno na escola ao sentir-se desmotivado a dar sequência aos estudos devido a sua dificuldade de aprendizado. Percebeu-se que por fatores biológicos a criança terá maior probabilidade em não atingir as expectativas exigidas, o que faz com que novas metodologias de ensino e um acompanhamento individualizado sejam fundamentais para que o estudante siga a vida adulta no ensino formal. Entretanto, nas condições oferecidas pelo sistema de ensino, tal prática encontra-se longe de ser realizada com eficácia.

A escola também possui como desafio saber como orientar-se e orientar as famílias quando o

assunto abarca o diagnóstico e tratamento. Sendo assim, cria-se o paradoxo: medicar ou não medicar? A controvérsia e polêmica causada dificultam uma postura coerente, prejudicando o aluno de forma severa no seu desenvolvimento acadêmico.

Em uma sociedade que aborda a inclusão como algo essencial para um mundo sem discriminações, essa se torna contraditória mediante a falta de formação específica de professores para atender uma criança com TDAH. No lugar do combate ao preconceito, reforçam-se estereótipos e “achismos” forçando a criança a uma conduta de isolamento e de baixa-estima.

A falta de um profissional para acompanhar esse estudante também compromete a prática pedagógica do professor. Embora ele tenha direito legal a um profissional para auxiliá-lo, por ser portador de necessidades educacionais especiais, o poder público se abstém dessa responsabilidade e nega a imprescindibilidade de um apoio escolar.

O uso das TIC's, que poderiam ser ótimas estratégias metodológicas para essas crianças, também se tornam inviáveis por falta de equipamentos, de tempo para planejamento para seu uso e por disponibilização de conteúdos não condizentes com as expectativas escolares.

Todos esses desafios suscitam algumas perguntas: Quem é esse aluno com TDAH? O que fazer para ajudá-lo dentro das condições precárias que lhe são oferecidas? Será que a escola está preparada para ser um espaço de aceitação das diferenças ou continua sendo lócus de reprodução de hábitos de ensino? Na busca por respostas, novas medidas mais verdadeiramente atentas ao TDAH serão necessárias.

7. Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICT DE ATENÇÃO. TDAH- **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade Uma conversa com educadores**. Disponível em: <http://www.tdah.org.br/images/stories/site/pdf/tdah_uma_conversa_com_educadores.pdf>. Acesso em 01/05/2017.

BARKLEY, R. A. **Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder**. Em E. J. Mash & R. A. Barkley (Orgs.). **Treatment of childhood disorders**. (vol. 2, pp. 55-110) New York: Guilford, 1998.

BARKLEY, R. A. **Transtorno do déficit de atenção/hiperatividade – TDAH: guia completo para pais, professores e profissionais da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BONADIO, R.A.A; MORI, N.N.R. **Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade: diagnóstico da prática pedagógica**. Maringá: **Eduem**, 2013. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 27 de Abril de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de educação Especial- MEC;SEESP, 2001.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**, Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em 07/04/2017.

BRASIL. Senado Federal. **Relatório do Projeto de Lei nº 7.081, de 2010**, Relatora Mara

Gbrilli,2012. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1373328.pdf>> Acesso em 11/05/2017.

HAKIM, C. Vocês sabiam que alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) também têm direito à educação diferenciada, sendo público alvo do atendimento educacional especializado (AEE) e clientela da Educação Especial? **Almanaque dos Pais**, 2014. Disponível em: < <https://www.almanaquedospais.com.br/direitos-dos-alunos-com-tdah/>> Acesso em 29/04/ 2017.

PASTURA, G. M. C; MATTOS, P; ARAÚJO, A.P.Q.C. Prevalência do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade e Suas comorbidades em uma Amostra de Escolares. **Arquivos de Neopsiquiatria**, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anp/v65n4a/a33v654a.pdf>>. Acesso em 26/04/2017.

POLANCZYK, G. V; CASENA, E.B; MIGUEL, E.C; REED, U. C Desempenho escolar e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. **Psiquiatria Clínica**, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v32n6/a03v32n6.pdf>>. Acesso em 25/04/2017.

_____. Transtorno de déficit de Atenção / hiperatividade: Uma perspectiva científica. **Clinics**, São Paulo, 2012. Disponível em:<<http://www.tdah.org.br/images/stories/Estudo%20-%20Erasmus%20-%2001-10-12%20-%20Brasil%20%20Transtorno%20de%20d%C3%A9ficit%20de%20Aten%C3%A7%C3%A3o-hiperatividade-%20Uma%20perspectiva%20cient%C3%ADfica%20PORT.pdf>> Acesso em 29/04/2017.

REINHARDT M.C; REINHARDT C.A. Attention deficit-hyperactivity disorder, comorbidities, and risk situations. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, 2013;89:124–30. Disponível em:<http://www.tdah.org.br/images/stories/ARTIGOS/2014/TDAHMarcelo_e_Caciane_JPED.pdf>. Acesso em 30/04/2017.

RIEF, S. (2001). Estratégias de intervenção na escola. Trabalho apresentado na *II Conferencia internacional sobre o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade*. São Camilo: Centro de Convenções.

ROHDE, L. A; BARBOSA, G; TRAMONTINA, S; POLANCZYK, G. V. T Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Rio de Janeiro,2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3788.pdf>>. Acesso em 27/04/2017.

SALTINI, C. J.P. **Afetividade e Inteligência**. Editora Dp&a, Rio de Janeiro, 2002.

VILELA, W.A; MONTEIRO, L.C.C. A Importância da Criação dos “Parâmetros Pedagógicos da Tecnologia da Educação” para aplicativos/software educacionais. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre – UEADSL**, Belo Horizonte, 2016. Disponível em:<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/11605/10055>>. Acesso em 05/04/2017.

SOUZA, I.G.S; SERRA-PINHEIRO, M.A.; FORTES,D; PINNA, C. **Dificuldades no diagnóstico de TDAH em crianças**. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v56s1/a04v56s1.pdf>>. Acesso em 24/04/2017.



5 Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

Realização



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO



Apoio



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coparticipação

FADECIT.
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO
DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
MINAS GERAIS